

[Recensão a] Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2022). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português* (2.^a ed.). Aveiro: UA Editora Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro. 547 págs. ISBN: 978-972-789-820-6.

João Veloso

Universidade de Macau, China,
& Universidade do Porto, Portugal
joaoveloso@um.edu.mo

1. Este volume, cuja publicação é de saudar vivamente, representa a segunda edição (2022) de uma obra imprescindível para todos os que, capazes de ler bibliografia especializada em português e tendo interesses linguísticos mais específicos, se interessem pelos estudos gramaticais, pela gramática do chinês, pelo estudo desta língua e pela comparação entre as estruturas gramaticais de uma língua indo-europeia românica, como o português, e as de uma língua da família sino-tibetana, como o chinês, sobretudo na sua versão padronizada do mandarim (*Putonghua*).

A gramática, resultante do trabalho desenvolvido pelo Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro, tem como autores as Professoras Ran Mai e Urbana Pereira (Urbana Pereira tristemente *in memoriam* (vd. p. 5), devido ao seu falecimento entre as publicações da 1.^a e da 2.^a edição) e o Professor Carlos Morais, diretor do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro e grande dinamizador da divulgação da língua e da cultura chinesas em Portugal (na identificação bibliográfica da obra, a ordem dos autores é a seguinte: Ran Mai, Carlos Morais, Urbana Pereira). O livro corresponde, como já se disse, a uma reedição da obra com o mesmo título publicada, em primeira edição e pelos mesmos autores e editores, no ano de 2019¹ (Mai, Morais & Pereira 2019).

Conforme se afirma na “Nota de Abertura” (p. 23), a reedição desta gramática pretende responder “à atual e crescente procura da aprendizagem do Mandarim em Portugal e à ausência de uma gramática especificamente elaborada para as necessidades dos utilizadores de Língua Portuguesa”. Na mesma secção introdutória, é dito que o livro resulta “de [...] investigação desenvolvida no âmbito do ensino-aprendizagem do Mandarim” (p. 23) junto de alunos que têm o português

¹ Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português* (1.^a ed.). Aveiro: Universidade de Aveiro/Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro. 533 págs. ISBN 978-972-789-587-8.

como sua língua materna e insere-se numa coleção de materiais pedagógicos destinados ao ensino do chinês a falantes nativos do português, na qual são englobados outros títulos (coleção “Manuais IC-UA”, *ibid.*).

A obra, com a considerável extensão de 547 páginas, integra 24 capítulos principais, antecidos de um “Índice” (pp. 7-22), de uma “Nota de Abertura” (p. 23), de uma secção de “Agradecimentos” (p. 25), de uma lista de “Abreviaturas e Siglas” (pp. 27-28) e de um conjunto de “Notas para um Uso Adequado da Gramática” (pp. 29-33). Os já referidos 24 capítulos que nos oferecem uma descrição exaustiva das estruturas linguísticas do chinês alinham-se da seguinte forma: 1 – “Língua chinesa” (pp. 35-42); 2 – “Fonética e Fonologia” (pp. 43-50); 3 – “Carateres” (pp. 51-71); 4 – “Formação e classificação de palavras” (pp. 73-88); 5 – “Substantivo” (pp. 89-106); 6 – “Adjetivo” (pp. 107-123); 7 – “Numeral” (pp. 125-149); 8 – “Palavra de medida” (pp. 151-175); 9 – “Pronome” (pp. 177-226); 10 – “Verbo” (pp. 227-278); 11 – “Verbo auxiliar” (pp. 279-287); 12 – “Advérbio” (pp. 289-317); 13 – “Preposição” (pp. 319-344); 14 – “Conjunção” (pp. 345-367); 15 – “Partícula” (pp. 369-387); 16 – “Interjeição” (pp. 389-390); 17 – “Onomatopeia” (pp. 391-392); 18 – “Formação e classificação de grupos de palavras” (pp. 393-408); 19 – “Elementos frásicos” (pp. 409-456); 20 – “Tipos de frase” (pp. 457-482); 21 – “Estruturas frásicas específicas” (pp. 483-502); 22 – “Formas de comparação” (pp. 503-524.); 23 – “Formas enfáticas” (pp. 525-534); 24 – “Pontuação” (pp. 535-543). O livro encerra com a identificação de todas as fontes citadas, na “Bibliografia” (pp. 545-547) e na lista dos “Mapas e imagens” reproduzidos na obra (p. 547).

Pelo mero enunciado dos seus capítulos e da sua sucessão ao longo do volume, podemos desde já verificar que se trata de uma obra extensa, completa e profunda, que ultrapassa os objetivos meramente pedagógicos do ensino da língua e que nos oferece, em português, uma visão abrangente e sistematizada da língua chinesa no seu enquadramento tipológico, histórico, cultural e social, bem como das suas estruturas gramaticais propriamente ditas. Uma comparação deste índice com o que encontramos na 1.ª edição (Mai, Morais & Pereira 2019) não revela diferenças substanciais na determinação e distribuição dos grandes conteúdos ao longo da sua exposição. Este aspeto confirma a observação que, na nota explicativa desta segunda edição, anuncia que a presente reedição procede fundamentalmente a “uma revisão geral, [...] [à atualização de] vários tópicos, com o desenvolvimento de conteúdos e apresentação de mais exemplos [...] [e à correção de] alguns lapsos da 1.ª edição, de molde a tornar esta gramática ainda mais adequada à aprendizagem da Língua Chinesa pelos falantes de Português” (p. 23).

2. Na nossa avaliação, e conforme já deixámos antever em 1, esta gramática ultrapassa de forma notável os objetivos de uma gramática destinada prioritária ou exclusivamente ao estudo escolar/universitário da língua. A abrangência e a profundidade dos seus conteúdos, na verdade, tornam-na uma obra de consulta obrigatória também para linguistas, tradutores e outros profissionais avançados que procurem, em língua portuguesa, informação explícita completa, segura e validada sobre os diversos aspetos da gramática chinesa. A um nível mais teórico, conforme pretendemos detalhar mais adiante, este livro presta-se ainda à discussão de questões de fundo da área da linguística geral e da tipologia linguística, o que reforça de modo muito especial o seu interesse e a sua pertinência.

A leitura da gramática encontra-se muito bem orientada e, a nosso ver, se este for o primeiro contacto de um leitor exigente com uma obra desta natureza, a sua entrada no estudo aprofundado da língua e da gramática chinesas dificilmente poderia ter, em português, um melhor mapa de viagem.

As opções formais que os autores adotam são deixadas muito claras nas páginas iniciais, por exemplo quando se afirma que todas as transliterações do livro se regem pelo sistema *Pinyin* (p. 29), que cada exemplo é acompanhado de uma “tradução literal” (correspondente, aproximadamente, às glosas utilizadas na bibliografia linguística) e de uma “tradução livre” (*ibid.*), ou como quando se reúnem, em dois apartados iniciais, todas as abreviaturas usadas ao longo do texto (pp. 27-28) e um conjunto de “Notas para um uso adequado da gramática” (pp. 29-33).

Antes de entrarem na exposição dos conteúdos gramaticais propriamente ditos (a partir do capítulo 2), os autores disponibilizam-nos um primeiro capítulo dedicado a uma apresentação, sucinta mas muito exata, do lugar do chinês entre as línguas da sua família, com informações muito relevantes acerca da sua evolução histórica e dos condicionalismos sociais, culturais, políticos e geográficos que têm repercussão sobre o uso e a expansão desta língua desde as suas origens até à atualidade. Com efeito, e não tomando sequer em consideração, neste momento, a realidade do chinês falado pelos milhões de falantes da diáspora ou em países em que a língua tem um estatuto oficial ou de uso muito corrente (como são os casos particulares de Singapura e da Malásia, p. ex.), num país como a China, espalhado por uma área geográfica tão dispersa e variada e povoado por mais de mil e quinhentos milhões de pessoas, uma etiqueta como “chinês” (ou “língua chinesa”) pode dar azo a leituras nem sempre inteiramente coincidentes entre si. Assim, o cap. 1 dá-nos informações objetivas e corretas acerca da grande diver-

sidade linguístico-cultural atestada na China, da pertença das várias línguas da China à família sino-tibetana e da repartição das línguas Han por 7 grupos principais aparentados entre si (p. 36: a Língua do Norte, as línguas Wu, as línguas Xiang, as línguas Gan, as línguas Kejia, as línguas Min e as línguas Yue (de que o representante principal é, em termos gerais, o “cantonês”, fortemente representado no Sul da China, em numerosos pontos da diáspora chinesa e nas Regiões Administrativas Especiais de Macau e Hong Kong, historicamente responsável por muitos dos primeiros contactos linguísticos do português com o chinês)). É ainda feita uma síntese da política linguística da China no sentido da padronização de uma variedade que, inspirada na norma das camadas populacionais mais escolarizadas de Pequim (dialecto/socioleto historicamente difundido pelos principais centros urbanos da China através dos grupos sociodemográficos mais qualificados e influentes), é hoje veiculada oficialmente de modo muito organizado a nível nacional através do sistema escolar, do sistema de escrita unificado (não inteiramente usado em Macau, Hong Kong e Taiwan), dos meios de comunicação social e dos principais canais da Administração Pública. Esta variedade “ideal” (como o são todas as variedades padrão de qualquer língua no mundo), correspondendo genericamente ao *Putonghua*, equivale muito aproximadamente à variedade social, histórica e regional que em português pode e costuma ser designada por *mandarim*. Esta é, de resto, uma designação consistentemente usada ao longo do livro, sendo esta também a variedade tomada em consideração, através das explicações e dos exemplos, quando nele se procede à descrição do chinês.

Nos capítulos de índole mais descritiva, a fonética e a fonologia da língua ocupam logo os conteúdos iniciais, no capítulo 2 (pp. 43-50). Neste capítulo, o leitor encontrará informações relativas ao sistema segmental (pp. 44-45) e tonal (pp. 46 ss.) do chinês, às suas estruturas silábicas (pp. 44-45) e à sua transliteração através do Pinyin (pp. 44, 49-50, com uma breve referência a outros sistemas de transliteração anteriores, não tão padronizados e não tão fiéis às características fonético-fonológicas do *Putonghua* (pp. 43-44)). Sendo conhecida a tradicional preferência das gramáticas publicadas em Portugal pelos domínios da morfologia e da sintaxe, negligenciando-se ou mesmo ignorando-se, de uma forma geral, a descrição dos aspetos fonético-fonológicos das línguas, a inclusão de um capítulo inicial dedicado à fonética e à fonologia do chinês parece-nos de salientar. Este capítulo oferece ao leitor uma descrição muito exata e, simultaneamente, muito prática das principais características fonético-fonológicas do chinês que contribuem para a singularização desta língua e que, no caso dos aprendentes

de níveis iniciais principalmente, fornecem informações verdadeiramente úteis para o treino da pronúncia.

O capítulo dedicado à escrita – cap. 3, “Carateres”, pp. 51-71 – distribui-se por um número de páginas talvez proporcionalmente insólito numa descrição gramatical. Em comparação com o capítulo da fonética e da fonologia propriamente dito (8 páginas), ocupa quase o triplo do espaço (21 páginas). Um leitor com formação linguística ocidental, mais habituado a ver a estruturação fonético-fonológica de uma língua como um capítulo verdadeiramente “linguístico” e a olhar para as representações escritas como uma “adição exógena” à descrição linguística (logo, como uma componente relativamente secundária para o estudo da “gramática propriamente dita”), poderia porventura estranhar esta diferença. Realce-se que este capítulo não tem como fim principal explicitar as correspondências entre símbolos escritos e a pronúncia dos sons: esse é o objetivo tradicional de secções equiparáveis que frequentemente encontramos nas gramáticas escolares publicadas em Portugal; nesta obra, tal objetivo fôra já alcançado no capítulo anterior, dedicado à fonética e à fonologia da língua, principalmente nas secções reservadas ao Pinyin. O lugar aqui dedicado ao sistema de escrita do chinês, descrito como um objeto dotado de um interesse intrínseco enquanto parte do sistema linguístico propriamente dito, reflete uma particularidade muito importante dos estudos linguísticos orientais em geral e chineses em particular, permitindo-nos filiar esta gramática, neste aspeto específico, na tradição gramatical oriental e chinesa que escapa à visão “ortodoxa” (Coulmas 2003: 10) da linguística ocidental, a qual concebe a escrita como um objeto intrinsecamente não linguístico, como um acidente histórico-cultural meramente tributário das realizações orais. Nas tradições gramaticais orientais, conforme as palavras de Coulmas (2003) que de seguida transcrevemos, essa linha divisória categórica e hierarquizante entre uma “língua oral” de pleno direito e uma “língua escrita” mais ou menos acessória para a descrição estrutural da gramática é um ponto de vista inexistente – e, como veremos também, inadequado à plena compreensão do funcionamento do chinês e das representações mentais das palavras do chinês junto dos seus falantes. Analisando esta mesma questão a partir de diversos ângulos (gramatical, cultural, estético, literário, poético e filosófico), Gu (2021) sublinha, na citação que igualmente transcrevemos de seguida, que a inexistência desta “linguistic divide” (usando os termos do próprio autor) entre “signos orais” (perspetiva “fonocêntrica”) e “signos escritos” (perspetiva “ideográfica”) deriva direta-

mente de uma mundividência específica e estruturante de culturas (e tradições gramaticais) como a chinesa.

"Following this prescriptive instruction [= "Western Linguistics"], most introductory textbooks of linguistics simply exclude the problematic of writing or make do with a cursory review of a number of writing systems in the final chapter. Notice in passing that this is quite different in the Eastern tradition of the scientific study of language. The Encyclopedic Dictionary of Chinese Linguistics [...], for example, treats writing systems as its first topic at great length." (Coulmas 2003: 10)

"Conceptually, while the alphabetic writing is created on the principle of phonocentrism, Chinese writing may be said to be guided by the principle of ideographism. Each came from a long tradition that put different emphases on sound and shape of the script. Western phonocentrism originated from the linguistic development of alphabetic languages and was promoted by philosophical conceptualizations of language practice. By contrast, Chinese ideographism originated from the ideographic use of Chinese language in history and underscored by metaphysical conceptions of the relationship between humans and the universe. Each has a different philosophical foundation." (Gu 2021: 61-62)

Com efeito, e para percebermos melhor o lugar especial que a descrição das representações escritas ocupa nas descrições gramaticais de línguas como o chinês, convém destacar finalmente que, em tais línguas – e em culturas como a chinesa –, a escrita desempenha dois papéis funcionais muito importantes que não encontramos materializados, pelo menos do mesmo modo e com o mesmo relevo, noutras línguas, nomeadamente nas línguas indo-europeias: a desambiguação de um elevado número de homófonos (Miller 2002; Nagy *et al.* 2002) e a consequente potenciação da máxima compreensão, na comunicação escrita, entre falantes de normas diferentes da língua ou até de línguas diferentes dificilmente compreensíveis entre si com base apenas na oralidade².

² No seu livro *Entender a China*, Giada Messetti descreve este aspeto de forma muito expressiva. Dedicando o primeiro capítulo da obra à língua, a autora reserva a primeira parte desse capítulo para uma secção intitulada "A civilização da escrita" (Messetti 2022: 17 ss.). A dimensão funcional da escrita chinesa como desambiguadora e como facilitadora da comunicação entre falantes de línguas e dialetos muito afastados entre si é então referida pela autora (Messetti

Como tal, a incorporação do conhecimento das representações escritas no conhecimento gramatical dos falantes do chinês – e, conseqüentemente, a inclusão do estudo do sistema de escrita como um capítulo de pleno direito dentro do estudo das estruturas da língua – ocupa um lugar muito próprio na gramática chinesa (cf., entre outros: Coulmas 2003; Daniels 2010a; 2010b; Gu 2021). É nesse sentido, conforme já afirmámos, que devemos interpretar a importância concedida por esta obra à descrição detalhada do sistema da escrita chinesa no seu extenso capítulo terceiro.

Assim, não só se torna compreensível como se revela da maior utilidade que este capítulo dê indicações muito completas e detalhadas sobre a estrutura interna de cada caractere³, sobre aspetos da sua História e da sua expansão e utilização por outras línguas (como o japonês e o coreano, p. ex.), sobre os traços básicos utilizados por todos os caracteres da língua, sobre a ordem dos traços na escrita, sobre a composição de caracteres complexos a partir de diversos “radicais”, sobre os diversos tipos de caracteres existentes e respetivas formas de escrita e sobre a sua organização e ordenação em dicionários e noutros materiais impressos.

A parte mais “central” do livro, em termos de conteúdos gramaticais, corresponde aos capítulos 4 a 23, em que os diversos conteúdos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos do chinês são objeto de capítulos específicos para cada um.

Para a organização destes mesmos capítulos, os autores optaram por seqüenciá-los de acordo com o que, na tradição ocidental, costumamos designar por

2022: 21 ss.), que nos dá uma imagem muito esclarecedora desta última realidade quando escreve as seguintes palavras:

“De um modo geral, faz-se referência, efetivamente, a uma «língua chinesa» que seria usada por mais de mil milhões de indivíduos, mas o território da República Popular da China é tão vasto que o habitam populações e grupos étnicos diversos, e que, além de possuírem tradições culturais distantes, falam de forma diferente. Os caracteres tiveram e têm, atualmente, um funcionamento que poderemos comparar ao dos números árabes: na Europa, todos apreendem o seu significado ao lê-los, mas a pronúncia de um italiano, por exemplo, é inapreensível para um alemão ou um inglês e vice-versa. Igualmente, um habitante da China setentrional e um da China meridional compreendem-se na perfeição quando trocam uma mensagem escrita, mas, no diálogo oral, podem incorrer em problemas de compreensão recíproca. **A pesar de o pŭthōnguà ser a língua que todos estudam na escola, por vezes, é ainda possível encontrar dois chineses oriundos de regiões diferentes que, quando falam um com o outro, desenham caracteres imaginários no ar ou na palma da mão para se entenderem melhor.**” (Messetti 2022: 27; negrito nosso)

³ Nestas notas, preferimos as formas “caractere” (singular) e “caracteres” (plural) para designar os logogramas chineses, divergindo da opção, igualmente legítima, dos autores da gramática, que usam as formas “caráter” e “carateres”, respetivamente.

“classes de palavras” (caps. 5 e ss.), reservando o capítulo 4 para os processos de “Formação e classificação das palavras” (pp. 73-88). As noções de *palavra* e *classe de palavra*, bem como a repartição de palavras por “classes” e a descrição dos seus processos formativos, motivam questões de ordem descritiva e teórica muito importantes que têm sido discutidas no âmbito da própria teoria linguística⁴. Recordemos, designadamente, que a falta de um equivalente preciso para a noção de palavra (enquanto forma sujeita a fenómenos como a flexão e a concordância) em muitas línguas não indo-europeias da Ásia, sugerindo a sua não universalidade, bem como uma suposta indistinção, nessas línguas, entre o nível do morfema e o nível da palavra, levaram mesmo os primeiros modelos da gramática generativa a dispensar um módulo da gramática especificamente destinado às regras de formação de palavras, como nos é recordado, p. ex., por Aronoff & Fudeman (2005) nas páginas iniciais do seu manual de morfologia (onde se defenderá, em linha com Aronoff (1976), a necessidade de delimitar esses dois níveis da organização gramatical em *todas* as línguas, reforçando-se a pertinência de um nível de morfologia da palavra em chinês, de acordo com as propostas de Liao 2014):

“The fact that some languages, such as Vietnamese, do not have morphologically complex words has led some people to conclude that morphology should not be a separate branch of linguistics. [...]”
(Aronoff & Fudeman 2005: 10)

Assim, e tendo presentes de forma muito particular as propostas, nomeadamente, de Haspelmath (2021) – que sublinham a necessidade de um escrutínio aprofundado sobre as categorias que se escolhem para a descrição explícita das línguas e, muito especialmente, sobre os critérios que presidem à identificação e à designação dessas categorias –, torna-se muito pertinente analisar esta obra de acordo com estas preocupações teóricas.

Como tal, quando os autores começam por afirmar, logo no início do capítulo sobre a palavra em chinês (p. 73)⁵, que as palavras desta língua se consti-

⁴ Cf., p. ex., o estudo de Liao (2014), que discute a possível existência de processos derivacionais e flexionais na gramática do chinês e que nos dá uma visão ampla dos processos morfológicos nesta língua, muitas vezes negligenciados ou mesmo refutados nas descrições gramaticais do chinês.

⁵ Todos os exemplos dados nesta parte das nossas notas são retirados da p. 73 da obra em análise.

tuem a partir de morfemas passíveis de classificação como livres (我 *wǒ* 'eu'; 人 *rén* 'pessoa') ou presos (体 *tǐ* 'corpo'; 第 *dì* 'prefixo de numerais ordinais'), lexicais (她 *tā* 'ela'; 语 *yǔ* 'língua') ou gramaticais (们 *men* 'sufixo do plural'⁶; 第 *dì* 'prefixo de numerais ordinais'), dando origem a palavras simples (单纯词 *dānchúncí*) e a palavras complexas (合成词 *héchéngcí*), parece haver um alinhamento total da descrição do chinês com a descrição das línguas flexionais⁷. Isto é: as categorias que normalmente usamos para descrever uma língua como o português pareceriam inteiramente adequadas à descrição de uma língua como o chinês, o que poderia levar-nos a concluir que etiquetas como "palavra", "morfema", "morfema livre", "morfema gramatical", etc., seriam motivadas prioritária ou exclusivamente pela natureza dos objetos linguísticos a que elas se referem e não apenas à tradição terminológica predominante num dado contexto cultural e gramaticográfico. Uma análise mais atenta de alguns dos exemplos fornecidos suscitaria porém algum questionamento, o que torna a leitura desta gramática um exercício precioso de interrogação intelectual sobre a natureza dos objetos gramaticais. É o que sucede, por exemplo (e continuando aqui a ater-nos aos exemplos encontrados na primeira página do capítulo sobre as palavras e os processos formativos em chinês, p. 73), quando 语 *yǔ* 'língua' nos é apresentado como um morfema lexical, no corpo do texto, para, em nota de rodapé da mesma página, se esclarecer que "[o] morfema preso 语 *yǔ* forma palavras como 英语 *Yīngyǔ* (Inglês: Inglaterra + língua), 外语 *wàiyǔ* (língua estrangeira: fora + língua), etc." (p. 73, nota 1). Este exemplo – que não nos permite transportar imediatamente para o chinês as equivalências, bastante regulares em português, entre forma livre/morfema lexical e, principalmente, entre forma presa/morfema gramatical – mostra como as fronteiras entre morfema e palavra, forma livre e forma presa, apesar de assumidas no texto como inteiramente categóricas, parecem ter uma delimitação mais fluida em chinês do que em português.

⁶ Na p. 73 do livro, 们 é apresentado como "prefixo [sic] do plural".

⁷ Sobre os diversos processos formativos do chinês, englobando também a composição de palavras nesta língua, referimos novamente o estudo de Liao (2014).

Na exposição feita dos processos formativos de palavra em chinês, esta obra oferece argumentos e exemplos importantes para a discussão, que iniciámos em Veloso (2022) (com base em muitos dados recolhidos na primeira edição desta mesma gramática), sobre o papel da composicionalidade ao nível da *palavra* em línguas como o chinês.

Questões de natureza idêntica, que numa recensão com as limitações do presente texto não podemos aprofundar, poderiam colocar-se, p. ex., acerca de critérios que levaram os autores a opções como as seguintes (entre outras):

- categorização do verbo (cap. 10) e do verbo auxiliar (cap. 11) em duas classes separadas, tratadas em capítulos separados da obra;
- tratamento de 在 *zài* como uma “partícula modal progressiva” (p. 242) e como uma “preposição” (início do cap. 13);
- identificação de uma classe à parte para as “partículas” (cap. 15);
- inclusão, nessa classe (“partículas”), de elementos de natureza mais estrutural-sintática (como 的 *de*, usada em construções possessivas (我的书 *wǒ de shū* ‘eu-poss livro’ = o meu livro; p. 370) e outras (pp. 370 ss., 386-387)) a par de unidades de natureza mais semântica (como a forma sugestiva 吧 *ba* (pp. 378-379), a forma enfática 呢 *ne* (p. 382) ou a “partícula modal” 了 *le* (p. 384));
- tratamento das interjeições e das onomatopeias como duas classes gramaticais próprias (e distintas entre si) (caps. 16 e 17);
- reserva de um capítulo à parte para as construções enfáticas do chinês (cap. 23).

Parece-nos ainda digna de nota uma referência ao facto de, na sequenciação dos capítulos explicitamente dedicados às categorias e estruturas gramaticais do chinês, os autores não separarem claramente, conforme o costume mais tradicional nas gramáticas de línguas indo-europeias, uma parte mais devotada à morfologia, outra às classes de palavras e uma outra à construção frásica. Optando por ordenar os capítulos de acordo com o equivalente às “classes de palavras” da tradição gramatical ocidental (mas inventariando classes específicas do chinês, como as “palavras de medida” (cap. 8) e as “partículas” (cap. 15)), os autores apresentam, classe a classe, indicações acerca da sua forma, do seu lugar no léxico e das suas funções sintáticas mais comuns. É o que encontramos, p. ex., no cap. 5, dedicado aos substantivos, que reserva as primeiras secções (5.1-5.3) para algumas das suas principais características formais (género, número e grau), as seguintes (5.4-5.7) para características semânticas (tempo, lugar, quantidade aproximada) e a secção 5.8 para a descrição do seu funcionamento na frase em termos de funções sintáticas. O mesmo poderia dizer-se também, p. ex., do capítulo consagrado aos adjetivos (cap. 6), que abre com uma secção dedicada às funções sintáticas normalmente desempenhadas pelo adjetivo em chinês (sec-

ção 6.1), para se deter, em secções seguintes, em aspetos relacionados com as construções adjetivais (6.3 – “Comparativo”; 6.4 – “Superlativo”) e na explicação do caso particular dos “Adjetivos quantificadores” (secção 6.5).

3. No seguimento das considerações feitas nos dois pontos anteriores, julgamos que esta obra tem, indiscutivelmente, uma importância informativa e didática indiscutível: quanto a nós, é mesmo a melhor gramática da língua chinesa alguma vez escrita em português e tendo o público de língua portuguesa como o seu público-alvo bem definido. Complementarmente, a obra encerra ainda um outro mérito muito importante: para os leitores que, num plano mais teórico, se interessem pela estruturação gramatical profunda de uma língua e pelos critérios que orientam a descrição dessa estruturação, esta obra estimula a reflexão sobre a natureza dos objetos gramaticais e sobre os critérios que presidem à sua delimitação, definição e descrição.

Algumas dessas questões são questões que a tipologia moderna discute, como se torna patente no já citado trabalho de Haspelmath (2021), entre outros, bem como em reflexões críticas muito aprofundadas como a de Gu (2021). Lembrando o especial contributo dado por Georg von der Gabelenz – autor da primeira gramática moderna do chinês publicada em língua alemã (Gabelenz 1881), precursor de muitas ideias fulcrais da linguística científica do século XXI (cf., a este propósito, estudos como os de McElvenny 2017; 2023) e também, justamente, o criador do termo *tipologia* para definir o estudo das propriedades definidoras da linguagem humana através da comparação sistemática das línguas e das suas descrições em tradições gramaticográficas diferentes –, cremos que a publicação de obras como esta sobre que nos debruçamos neste momento representa, efetivamente, um contributo para uma reflexão metagramatical aprofundada e exigente, completando estudos como, p. ex., os reunidos em Jing Zhang & Grosso (Orgs.) (2022) (antologia em que encontramos, p. ex., comparações entre o português e o chinês no âmbito das estruturas de clivagem (Li 2022), da distinção contável/massivo (Jianbo Zhang 2022), dos verbos *sciendi* (Jing Zhang & Grosso 2022), dos adjetivos (Ye 2022) e das preposições temporais (Han 2022)).

Assim, consideramos que a leitura desta obra nos permite uma excelente aproximação à *gramática chinesa* no duplo sentido que esta expressão comporta:

(i) por um lado, porque coloca ao nosso alcance uma descrição explícita das estruturas linguísticas do chinês, tornando o livro um recurso de consulta valioso para alunos e professores portugueses de Chinês; nesse sentido, esta obra ofe-

rece-se-nos como **uma excelente e exaustiva descrição (sem par no panorama editorial português) das propriedades gramaticais do chinês;**

(ii) concomitantemente, porque podemos identificar neste livro características importantes da gramaticografia chinesa, como, p. ex. e conforme já referido, o lugar de destaque concedido ao sistema de escrita ou o estabelecimento de certas categorias gramaticais (como a separação, em capítulos distintos, de classes como *verbo* (cap. 10) e *verbo auxiliar* (cap. 11) ou a consagração de um capítulo à parte para as palavras de medida (cap. 8), não as fazendo equivaler a classes como os quantificadores, determinantes ou outras); neste sentido, o presente livro, fazendo uma *combinação* muito singular e consistente das tradições gramaticais “ocidental” (de raiz greco-latina) e “chinesa”, constitui também um **exemplo elucidativo da tradição gramatical chinesa** e da aproximação entre tradições gramaticais diferentes.

4. Na introdução, conforme já referido na abertura destas notas, os autores afirmam que a produção desta obra se insere no âmbito de “[...] *investigação* desenvolvida no âmbito do ensino-aprendizagem do Mandarim” (p. 23; *italico* nosso). Sublinhamos neste momento a *investigação* – mais concretamente, a investigação no âmbito dos processos de aprendizagem de uma língua estrangeira – como fonte para a produção de materiais linguísticos destinados a públicos específicos, como os professores e alunos de línguas. Nesse sentido, esta gramática pode também ser vista como um precioso tributo à tradição científica inaugurada há mais de 150 anos por Gabelenz (1881 e outros), de certa forma o precursor do estudo comparativo sistemático e profundo entre as gramáticas do chinês e de outras línguas dentro do quadro que, seguindo justamente a sua proposta terminológica, hoje podemos designar por “comparação tipológica”. Paralelamente, esta obra insere-se ainda, de forma muito sólida, no quadro suportado por mais de um século de investigação científica em linguística descritiva e aplicada e em áreas como a psicolinguística e a didática de língua⁸.

⁸ A propósito da imprescindibilidade da investigação como requisito obrigatório para a produção e aplicação de materiais didáticos e estratégias de ensino cientificamente validados, apropriamo-nos aqui de uma passagem em que Chulata (2023), enquadrando-se de modo mais particularizado ao contexto do ensino de português a falantes do chinês (portanto, de certa forma no sentido inverso ao desta gramática), enfatiza, num volume de homenagem a Maria José Grosso (que a autora identifica como um exemplo destas qualidades), a importância de se “[f]omentar a curiosidade, a intuição do pesquisador que vai à procura do embasamento teórico para tentar conhecer o “desconhecido”, as novas práticas docentes, os novos

5. Uma das muitas razões para nos regozijarmos com a reedição desta gramática advém da possibilidade de vermos nesta publicação uma evidência do interesse que os Estudos Chineses têm crescentemente adquirido junto do público académico de língua portuguesa, nomeadamente em Portugal.

Com efeito, sabemos que o interesse pelo português na China e o interesse pelo chinês em Portugal apresentam algum desequilíbrio comparativo, nem sempre fácil de entender: se, na China, o número de universidades que oferecem graus académicos em Língua Portuguesa se aproxima já das seis dezenas e mostra uma tendência crescente, a oferta curricular de Chinês em instituições de ensino superior portuguesas é ainda escassa e não mostra sinais de grande desenvolvimento quantitativo (ainda que os autores refiram, na nota introdutória (p. 23), que a procura dos Estudos Chineses por alunos portugueses (pelo menos da Universidade de Aveiro, julgamos) se encontre em trajetória ascendente). Esta situação contrasta com a de outros países europeus – e mesmo com o que se passa em universidades de outros países de língua portuguesa –, sem dúvida mais atentos à importância cultural e económica da China e, simultaneamente, ao interesse académico pela língua e cultura chinesas.

A esse nível, cabe um louvor muito especial à Universidade de Aveiro e ao seu Instituto Confúcio, que, na sua parceria com a Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (China), se têm notabilizado por atrair alunos para os estudos de língua chinesa e de outras matérias relacionadas com a cultura chinesa, assim como pelo desenvolvimento de uma série de atividades e iniciativas de divulgação da cultura chinesa dentro e fora da Universidade (de que aqui destacamos, a título de exemplo, os cursos de artes marciais e a parceria com inúmeras escolas do ensino básico do distrito de Aveiro para as aulas de Iniciação ao Chinês)⁹. Esta intensa atividade tem-lhes valido um grande (e justo!) reconhecimento a nível global, de que aqui destacamos a atribuição de prémios internacionais como “Melhor Confúcio do Ano” em 2018¹⁰, “Diretor do Ano” (atribuído ao Professor Carlos Morais) em 2019¹¹ e “Instituto Confúcio Modelo Global” (2023)¹².

materiais didáticos, muitas vezes teorizando para re-novar velhas teorias [...]” (Chulata 2023: 25).

⁹ <https://www.ua.pt/pt/iconfucio>

¹⁰ <https://www.ua.pt/pt/noticias/0/56584>

¹¹ <https://www.ua.pt/pt/noticias/16/62029>

¹² <https://portuguese.cri.cn/2023/11/16/ARTIY4uk4GtMcI78qF1utY4p231116.shtml>

É nesse contexto exemplar e de certa forma excecional no contexto português que se inserem a produção e a publicação desta gramática, bem como dos restantes materiais escolares destinados aos aprendentes portugueses do chinês com a chancela do Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro, todos com as mesmas garantias de qualidade e relevância evidenciadas por esta gramática. No seu conjunto, estes materiais constituem uma fonte de estudo e de consulta atualizada e vêm preencher uma lacuna importante no panorama editorial português, no qual continuam a faltar não só mais manuais e livros de apoio ao ensino/aprendizagem do chinês, mas também recursos informativos e culturais urgentes como traduções de literatura chinesa, obras de referência, estudos históricos, políticos e culturais acerca da realidade chinesa, etc.

6. Por todos os motivos que foram expostos nestas notas, reiteramos que a reedição desta gramática constitui, na verdade, um motivo de grande satisfação para todos quantos se interessam, em Portugal e nos países de língua portuguesa, pelo estudo do chinês, da linguística chinesa e da linguística comparada português-chinês. A reedição desta gramática, com poucos anos de intervalo relativamente à sua primeira edição, é um excelente testemunho do grande interesse que a língua chinesa e o seu estudo despertam junto dos falantes do português – o que deveria levar outras instituições de ensino superior de Portugal a inspirarem-se no exemplo da Universidade de Aveiro para incluírem formação curricular avançada e de qualidade nesta área, dotada de interesse e, como se torna patente, de interessados também.

Assim, esta reedição da *“Gramática de Aveiro”* representa (mais) um marco importante assinalado pelos autores e editores na História dos Estudos Chineses em Portugal.

O rigor, a seriedade, a exaustividade, a abrangência, a profundidade com que os diversos temas são expostos, explicados e exemplificados, oferecem-nos uma leitura produtiva e instrutiva e colocam-nos mais perto de um dos objetivos proclamados por Confúcio, hoje justamente venerado com honras de verdadeiro modelo intelectual e cívico pelos estudantes, professores e cientistas chineses. Conforme devidamente sublinhado por Sinedino (2022: 86), Confúcio escolhe para primeira palavra dos seus *Analectos* o vocábulo 學 *xué* ‘estudo’, em cujo significado cabe não só o ato de estudar mas também, ainda segundo o citado estudioso e tradutor, “o seu resultado, “o que se aprende”.” (Sinedino 2022: 86).

Em suma, deveremos afirmar que estamos perante uma obra fundamental, muito bem sucedida, que fica como referência obrigatória para todos os estudiosos da gramática chinesa (na dupla aceção de (i) e (ii) supra) em Portugal e nos países de língua portuguesa. Agradecemos aos autores e promotores da obra, que nos colocam à disposição uma fonte de estudo digna do maior apreço e louvor, cuja leitura vivamente recomendamos a todos quantos tenham um interesse consistente e sério no estudo do chinês.

Referências bibliográficas

- Aronoff, M. (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge MA: The MIT Press.
- Aronoff, M.; Fudeman, K. (2005). *What is Morphology?* Malden MA: Blackwell.
- Chulata, K. A. (2023). Apresentação. Intercultura académica em vivências distantes que se encontram na língua portuguesa. In M. L. Ortiz Alvarez *et al.* (Orgs.), *As vozes da língua portuguesa em seus contextos. Encontros e diálogos interculturais* (pp. 23-24). São Paulo SP: Pontes.
- Coulmas, F. (2003). *Writing Systems. An introduction to their linguistic analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Daniels, P. (2010a). Writing Systems. In M. Aronoff, & J. Rees-Miller (Eds.), *The Handbook of Linguistics* (pp. 43-80). Oxford: Blackwell.
- Daniels, P. (2010b). Writing in the World and Linguistics. *Papers of the Berkeley Linguistics Society*, 36, 61-90.
- Gabelenz, G. v. der. (1881). *Chinesische Grammatik*. Leipzig: T. O. Weigel.
- Gu, M. D. (2021). *Fusion of Critical Horizons in Chinese and Western Language, Poetics, Aesthetics*. New York/London: Palgrave Macmillan.
- Han, X. (2022). Preposições de tempo em chinês e em português. In J. Zhang, M. J. Grosso (Orgs), *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês* (pp. 133-150). Macau: Universidade de Macau.
- Haspelmath, M. (2021). General linguistics must be based on universals (or nonconventional aspects of language). *Theoretical Linguistics*, 47(1-2), 1-31.
- Li, X. (2022). A sintaxe de estruturas clivadas do português europeu e do chinês mandarim: uma breve retrospectiva. In Jing Zhang, M. J. Grosso (Orgs), *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês* (pp. 51-71). Macau: Universidade de Macau.
- Liao, W.-W. R. (2014). Morphology. In C.-T. J. Huang *et al.* (Eds.), *The Handbook of Chinese Linguistics* (pp. 3-25). Oxford: Wiley Blackwell.
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. (2019). *Gramática de Língua Chinesa para Falantes de Português* (1.ª ed). Aveiro: Universidade de Aveiro/Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.

- McElvenny, J. (2017). Grammar, typology and the Humboldtian tradition in the work of Georg von der Gabelentz. *Language & History*, 60(1), 1-20.
- McElvenny, J. (2023). Georg von der Gabelentz's typology: Humboldtian linguistics on the threshold of structuralism. In J. McElvenny (Ed.), *The Limits of Structuralism: Forgotten Texts in the History of Modern Linguistics* (pp. 81-108). Oxford: Oxford Academic/Oxford University Press.
- Messetti, G. (2022). *La Cina è già qui: perché è urgente capire come pensa il Dragone* (Trad. port. de F. Guerra, *Entender a China. Porque é tão importante compreender o Dragão no século XXI*). Lisboa: Presença, 2023.
- Miller, K. F. (2002). Children's Early Understanding of Writing and Language: The Impact of Characters and Alphabetic Orthographies. In W. Li et al. (Eds), *Chinese Children's Reading Acquisition. Theoretical and Pedagogical Issues* (pp. 17-29). Boston: Kluwer.
- Nagy, W. E. et al. (2002). The Role of Morphological Awareness in Learning to Read Chinese. In W. Li et al. (Eds), *Chinese Children's Reading Acquisition. Theoretical and Pedagogical Issues* (pp. 59-86). Boston: Kluwer.
- Sinedino, G. (2022). *Confúcio, O fundador da tradição*. Macau: Universidade de Macau/CPC.
- Veloso, J. (2022). A vista da ponte das pessoas que vão em fila a caminho do céu: Um relance sobre a composicionalidade das palavras complexas do chinês e do português. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. N.º Especial, Volume 2, 177-198.
- Ye, S. (2022). Comparação do adjetivo em português e em chinês: descrição e análise sintático-semântica. In Jing Zhang, & M. J. Grosso (Orgs), *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês* (pp. 111-132). Macau: Universidade de Macau.
- Zhang, Jing (2022). A distinção contável-massivo dos nomes no chinês mandarim. In Jing Zhang, & M. J. Grosso (Orgs), *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês* (pp. 73-92). Macau: Universidade de Macau.
- Zhang, Jing, & Grosso, M. J. (Orgs.). (2022). *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês*. Macau: Universidade de Macau.
- Zhang, Jing, & Grosso, M. J. (2022). O verbo português "pensar" e os seus correspondentes verbais em chinês "renwei" e "yiwei". In Jing Zhang, & M. J. Grosso (Orgs), *Linguística Contrastiva: Estudos Português-Chinês* (pp. 93-109). Macau: Universidade de Macau.